

Freud e o Representacionalismo

Freud and Representationalism

LEANDRO EMMANUEL GOMEZ

RESUMO:

No meio psicanalítico é comum reduzir o “significante” de Lacan à “representação” de Freud, diluindo dessa maneira a lógica própria do primeiro na segunda. Este trabalho tenta recuperar a diferença e desmontar as concepções espaciais implícitas neste elemento central da teoria lacaniana: o significante.

PALAVRAS-CHAVE: significante – representação – representacionalismo – Freud – Lacan – dentro – fora

ABSTRACT:

In the psychoanalytic setting, the "signifier" of Lacan is often reduced to the "representation" of Freud, thus diluting the logic of the former in the latter. This work tries to recover the difference and disarm the spatial conceptions implicit in this central element of the Lacanian theory: the signifier.

KEY WORDS: significant – representation – representationalism – Freud – Lacan – inside – outside

Introdução

Este trabalho tem como principal objetivo demonstrar a diferença conceitual entre o termo alemão *Vorstellung*, utilizado por Sigmund Freud e traduzido como “representação”, e o termo “significante” formulado por Jacques Lacan. Isso nos permitirá mostrar que a redução ou equivalência entre ambos os termos não só é equivocada, como também ignora a especificidade teórica e clínica que eles portam.

Para começar, gostaria de destacar que, segundo Paul-Laurent Assoun (2005),¹ dada a contemporaneidade da psicanálise com a revolução saussuriana, é possível postular que os termos freudianos “representação-coisa” e “representação-palavra” são equivalentes ao “significante” e ao

¹ Assoun, P-L. (2005). *Introducción a la Metapsicología Freudiana*. Buenos Aires: Paidós.

“significado” propostos por Ferdinand de Saussure. Ambos os termos são trabalhados por Freud anteriormente ao nascimento da psicanálise, no livro *La afasia* (1891/1987),² e adquiriram uma consistência tal que, mesmo após 1900, o vienense não parou de retomá-los, quase sem modificações. Vejamos algumas citações desse texto:

A palavra, unidade de base da função linguística, é uma representação complexa composta de elementos acústicos, visuais e cinestésicos.³

A palavra [assim definida] adquire [...] sua significação por sua ligação com a representação de objeto que, por sua vez, é um complexo associativo constituído pelas representações mais heterogêneas, táteis, cinestésicas e outras.⁴

Então, segundo Freud, no psíquico temos a **representação-palavra**, composta pela palavra ouvida, vista e modulada pelo aparelho fonador. Ela só adquire “significado” por sua ligação com a **representação-coisa** que está associada a um conjunto muito mais heterogêneo de elementos que incluem o tátil, o cinestésico etc. Se compararmos isso com a concepção exposta no *Curso de Linguística Geral*,⁵ existe uma similaridade que poderia ser demonstrada graficamente da seguinte forma:

Freud	Saussure
Representação-palavra	Significante
Representação-coisa	Significado

Este é o argumento em que autores como Assoun ou Maleval⁶ se baseiam para postular a equivalência entre a representação de Freud e o significante de Lacan. Mas ao contrastar ambas as propostas, não apenas ficam evidentes suas semelhanças, como também suas diferenças. Isso porque Freud não se limita a colocar **palavra/coisa**, mas acrescenta a ambas o termo “representação”. Portanto, vale nos perguntarmos: por que ele precisa indicar que se trata de “representações”? Esse termo, muito frequente na obra freudiana, como muitos comentadores enfatizam, é uma herança da psicologia fisicalista alemã que tem sua origem em Herbart. Contudo, implica uma série de

² Freud, S. (1891/1987). *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión.

³ Citado por P-L. Assoun, p. 98

⁴ Idem. p. 99.

⁵ Ou pelo menos com aquele que chamamos de *Curso*, dado que é uma transcrição pouco fiel feita por seus alunos.

⁶ Maleval, J-C. (2001). *La Forclusión del Nombre del Padre*. Buenos Aires: Paidós.

características gnosiológicas e espaciais que ninguém costuma destacar, e que impregnam o pensamento freudiano.

Começemos pelo mais simples, de acordo com o *Diccionario de la Real Academia Española*, a “representação” – em sua segunda acepção – é uma “imagem ou ideia que substitui a realidade”.⁷ Temos então uma realidade e seu substituto, mas por que é necessário um substituto? Deixamos essa questão por um instante para fazer menção ao surgimento do termo, que, como indica Denise Najmanovich, tem uma origem determinada:

Nem na Grécia antiga, nem durante a Idade Média encontramos noções como as de **representação** ou a de **reprodução**. Essas noções só aparecerão em relação a uma nova forma de trabalhar e conhecer, sob a influência das máquinas em crescimento e autômatos que tanto impressionaram Descartes e seus contemporâneos.⁸

De acordo com a autora, não é possível encontrar esse termo nem na Antiguidade, nem na Idade Média, porque era necessário que ocorressem alguns avanços científicos que permitissem o seu surgimento. Contudo, não é só isso, uma vez que ele também esteve acompanhado de uma nova forma de pensar o conhecimento.

Na modernidade, o conhecimento foi concebido como um reflexo interno, no sujeito, do mundo externo supostamente objetivo e independente. Essa concepção foi batizada como “representacionalismo” e presume que a figura, imagem ou ideia substitui a realidade [é assim que a *Real Academia Española* define “representação”]. [...] De acordo com essa ideia, o sujeito é capaz de formar uma imagem do mundo [plástica ou linguística] considerada equivalente à realidade.⁹

Dessa forma, se o conhecimento é “reflexo”, a “representação” é uma cópia interior daquilo que experimentamos no exterior. Em outras palavras, isso que se apresenta no exterior é re-presentado – reapresentado – no interior. É aqui que devemos localizar a ideia de “substituição” – indicada na definição –, a representação substitui a realidade no nosso interior. A variedade de temas que esse termo une é impressionante, e não é difícil identificar que todos esses elementos que estão em jogo nas **representações** “palavra” e “coisa” freudianas: a) são uma figuração acústica; b) são a cópia interior de algo proveniente do exterior, e c) essa teoria freudiana participa – mesmo sem saber – do

⁷ DRAE

⁸ Najmanovich, D. (2015). *El Mito de la Objetividad*. Buenos Aires: Editorial Biblos. p. 139.

⁹ *Ibidem*.

representacionalismo. Vejamos como Lacan aborda isso na aula XVIII do *Seminário 16: De um Outro ao outro*, onde trata desse problema:

Um dentro e um fora parecem algo evidente se considerarmos o organismo, ou seja, um indivíduo que de fato está ali. O dentro é aquilo que está no interior de sua bolsa de pele. O fora é todo o resto. Pensar que o que ele representa para si desse fora deve estar também no interior dessa bolsa de pele parece, a princípio, um passo modesto e evidente.¹⁰

A indicação espacial é muito precisa: um “dentro” e um “fora” são “evidentes” se partirmos do “indivíduo”, mencionado como uma “bolsa de pele”. E por isso, supor que o que “ele representa para si desse fora” está no interior é o mais comum, significa dizer que, se experimento uma árvore, graças aos meus sentidos, eu adquiro uma imagem interior dela. É uma dedução simples para qualquer um de nós. Como dissemos, este é o segredo do esquema freudiano, se a coisa e a palavra são representações, é porque são interiorizações, cópias daquilo que foi encontrado no exterior. Mas o problema não apontado, e que está em jogo aqui, é que embora nos pareça “evidente”, não é um modo de pensar natural e inerente à própria humanidade. Charles Taylor diz o seguinte:

Em nossa linguagem de autocompreensão, o antônimo “dentro-fora” desempenha um papel importante. Acreditamos que nossos pensamentos, ideias e sentimentos estão “dentro” de nós, enquanto os objetos no mundo aos quais esses estados mentais se referem estão “fora”. [...] Mas por mais firme que pareça essa divisão do mundo, por mais sólida que possa parecer essa localização, e ancorada na própria natureza do agente humano, [...] Trata-se sobretudo de uma forma de autointerpretação historicamente limitada, uma forma que veio a ser predominante no Ocidente moderno [...] é um modo que teve um começo no tempo e no espaço, e poderia ter um fim.¹¹

Então, esse modo de pensar as coisas é próprio da modernidade ocidental, coisa que Lacan também não deixa escapar.

É realmente muito singular que, em um determinado momento na história, essa imagem tenha adquirido tal caráter de prevalência que serviu de apoio a um discurso

¹⁰ Lacan, J. (2013). *El Seminario Libro 16. De Otro al otro*. Buenos Aires: Paidós. p. 258.

¹¹ Taylor, C. (2006). *Fuentes del Yo*. Buenos Aires: Paidós. pp. 161-162.

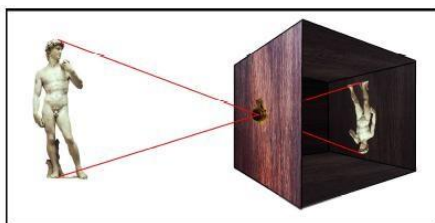
que não podia realmente ser refutado, pelo menos no contexto de um modelo feito para sustentar essa ideia de representação.¹²

Assim, esse traço de “evidência” é o resultado de um modelo que adquire certa predominância na modernidade, e não pode ser refutado, porque sempre se parte dele – sem saber. O modelo é o seguinte:

O modelo que dá seu estatuto a essa época da representação [...] é bastante simples. É o da câmara escura, ou seja, um espaço fechado, protegido de toda a luz, onde somente um buracozinho está aberto para o mundo exterior. Se este mundo exterior for iluminado, sua imagem será desenhada e se moverá sobre a parede interior da câmara escura conforme o que se passa do lado de fora.¹³

A óptica, portanto, é essencial para que o sujeito imagine algo que está num dentro. Podemos até sustentar que a função do sujeito se modela na câmara escura.¹⁴

Então, existe um modelo que regula o modo de pensar do representacionalismo e é o que está em jogo na câmara escura:



Najmanovich, D. (2015). El mito de la Objetividad, p. 119.

Ele não é o efeito da natureza humana, mas de uma ciência, de um discurso, que surge no século XVII: a óptica. E graças a esse discurso, e a esse modelo, para nós, ocidentais modernos, a “função do sujeito” é modelada num interior. Isso significa que todos pensamos o sujeito – entre outras coisas – como interioridade devido às diretrizes desse modelo.¹⁵ Se compararmos isso com algumas citações de Najmanovich, veremos que a proposta de Lacan é totalmente consistente:

¹² Lacan, J. (2013). Op.cit. p.258

¹³ Ibidem.

¹⁴ Idem, p. 259.

¹⁵ Este ponto de vista foi denominado por Richard Rorty: “a filosofia como o espelho da natureza”.

A esta peculiar forma de compreender o conhecimento que faz do sujeito um ser passivo e reduz sua corporeidade a uma máquina óptica, é acrescentada a suposição de que a imagem que temos do mundo é uma cópia fiel disso que se considera mundo externo.¹⁶

A concepção representacionista utilizou a óptica geométrica para fazer uma analogia entre o mundo [...] e nossa percepção. A câmara escura e outros dispositivos ópticos, junto com as teorias que os fundamentavam, foram cruciais para criar a ilusão da representação que faz do olho humano um sistema de lentes e da percepção uma mera transmissão de sinais.¹⁷

A proposta de Lacan

Uma vez estabelecidas estas coordenadas mínimas, é necessário indicar que o problema em questão aqui, é que nossos pacientes – assim como Freud – acreditam que são como uma câmara escura. Eles acreditam que tudo o que têm em seu “interior” foi obtido do “exterior” e agora lhes pertence. Essa ideia é totalmente coerente e lógica se estivermos trabalhando com re-presentações, mas isso é o que propõe Lacan quando fala de significantes? O significante deve ser pensado a partir do representacionismo? Continuemos com a aula do seminário já citado:

Não insistiremos excessivamente nesse tema, porque que não é ele que nos importa. Vamos nos contentar em observar que é aí, e só aí, que se apoia a noção de que o que concerne ao psiquismo deve ser situado em um dentro limitado por uma superfície.¹⁸

O argumento é claro, o termo “representação” precisa da bipartição – dentro/fora – até o ponto em que, se este é um elemento constituinte do “aparelho psíquico” freudiano, não há mais lugar para ele, a não ser no interior de um corpo. Mas é justamente aqui que Lacan explicita sua crítica a Freud:

Uma superfície? Certamente – dizem-nos –, isso já está no texto de Freud, é uma superfície voltada para fora, e por isso nela localizamos o sujeito. Ele está, ao que

¹⁶ Idem. p. 119.

¹⁷ Idem. p. 121.

¹⁸ Idem. p. 259.

parece, sem defesa a respeito do que há dentro. Como as representações não podem ser postas em outro lugar, nós as colocamos aí, e do mesmo modo colocamos nesse lugar todo o resto, isto é, o que é chamado, de maneira diversa e confusa, de afetos, instintos, pulsões. Tudo isso está no interior.¹⁹

A crítica é muito precisa, Freud constrói sua teoria num marco que podemos chamar por agora de “representacionista”, que implica uma bipartição do mundo. É por isso que ele é obrigado a esclarecer o que são “representações-coisa” e “representações-palavra”, uma vez que só podem ser localizados no **interior**, assim como o psiquismo. Ademais, isso culmina, como sabemos, com o ovo do *individuus* psíquico e a internalização dos afetos e das pulsões. Por isso, Lacan propõe:

Talvez seja necessário começar a se desligar da poderosa fascinação que obedece ao fato de que só podemos conceber a representação de um ser vivo no interior de seu corpo. [...].²⁰

O problema poderia ser colocado da seguinte maneira: como podemos abandonar esse sujeito **interior**, se nos baseamos num modelo que nos faz chegar a essa conclusão? A solução lacaniana é propor outro modelo no lugar deste:

Saiamos um instante dessa fascinação para nos perguntarmos o que acontece com o dentro e o fora quando se trata, [...] do fetiche por excelência, a moeda. [...] que valor preserva quando está num cofre? É claro que ela é colocada nele e guardada. O que é esse dentro que parece tornar completamente enigmático o que nele é encerrado? Por acaso, da sua maneira, a respeito da essência da moeda, não é um dentro completamente exterior, exterior ao que constitui a essência da moeda?²¹

Qual é a “essência da moeda”, por exemplo, do dólar? Estar em relação à economia, quer dizer, vale pelas relações econômicas, sempre dinâmicas, que estabelece. E se o guardarmos num cofre? Nada acontece, porque não deixa de ter relação com as flutuações econômicas, de modo que, as categorias interior-exterior ou dentro-fora, não lhe correspondem. Dito isso, vejamos qual é a operatória de Lacan:

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Idem. p. 260.

²¹ Ibidem.

O pensamento tem também algo a ver com o valor de troca. Em outras palavras, ele circula. Para aqueles que ainda não compreenderam que um pensamento só é concebido, [...] ao ser articulado, ao se inscrever na linguagem, [...] esta simples observação deveria bastar para que percebam a pertinência de apresentar o problema exatamente como fizemos agora a pouco sobre a moeda que é colocada em um cofre [...]²²

Se o “pensamento” tem alguma coisa a ver com o “valor de troca”, é na medida em que se inscreve na linguagem, e, como Saussure já havia mencionado,²³ a linguagem é um sistema de elementos relacionais chamados **significantes**, que se comportam como a moeda que comentamos. Agora, se para a moeda não lhe são necessárias as categorias dentro/fora, para a linguagem e para o pensamento também não, por isso Lacan diz que o pensamento não está “aprisionado” na cabeça de ninguém, mas que “circula”.

[...] – o que quer dizer um pensamento, quando ele é guardado? Não se sabe o que ele é quando é guardado, porque, apesar de tudo, sua essência deve estar em outra parte, ou seja, fora, sem que haja necessidade de recorrer à projeção para afirmar que o pensamento perambula por aí.²⁴

Deste percurso, só resta acrescentar que é possível opor à representação freudiana o significante lacaniano na medida em que este é: a) relacional e vazio;²⁵ b) não participa das categorias dentro/fora²⁶ e c) não pode ser incluído dentro do “representacionalismo”. Por outro lado, se sustentamos a re-presentação freudiana, ou se a consideramos homóloga ao significante, isso culminaria necessariamente na bipartição espacial que ocorre no “senso comum”. Mas se, em vez disso, trabalhamos de maneira estrita com o conceito de significante, e com o conceito de estrutura, é necessário aceitar que o pensamento, “circula”, “perambula”. Poderíamos dizer que “o crânio e a pele não o limitam”²⁷ e este é um salto teórico que pode mudar nossa maneira de pensar e de propor nosso dispositivo. Para indicar a relevância deste desenvolvimento gostaria de acrescentar uma pequena anedota clínica.

²² Ibidem.

²³ De Saussure, F. (2007). *Curso de Lingüística General*. Buenos Aires: Losada.

²⁴ Idem. pp. 260-261.

²⁵ Coisa que Lacan não se cansa de repetir.

²⁶ Por isso, precisamos da topologia na psicanálise e sobretudo de superfícies que mantenham uma continuidade dentro/fora.

²⁷ Siegel, D. (2017). *Viaje al Centro de la Mente*. Paidós. Buenos Aires.

Fragmento de um caso

Uma jovem se consulta por problemas de casal. Durante as primeiras sessões, comenta que já esteve em vários relacionamentos. O trabalho consistiu em estabelecer sob quais coordenadas esses relacionamentos eram mantidos, e a conclusão foi que o elemento que os sustentava era uma concepção do amor que ela não sabia que tinha. Mas o que mais chamou a atenção foi que, na sessão seguinte a essa descoberta, ela chega surpresa, depois de ter conversado com a avó, porque havia descoberto que ela também compartilhava da mesma ideia de amor, razão que a levou a exclamar: “ela nunca me disse isso, como pode ser que pensemos a mesma coisa?”.

De quem era essa ideia tão particular do amor? Se pensarmos em termos de representação, ela necessariamente deve ter escutado no exterior e incorporou a ideia em seu aparelho psíquico e em sua vida. Nesse caso, ela a “incorporou”. Mas e se ninguém nunca realmente tiver dito isso a ela? Talvez para esses problemas seja melhor recorrer a modelos onde o “**isso** circula”, sem necessidade de que se diga em termos factuais; o que seria considerar o significante e sua espacialidade própria. Só uma posição assim nos permitiria questionar sob quais condições foi sustentada essa ideia que a avó e a neta tiveram, e talvez todo um grupo familiar.

BIBLIOGRAFIA

1. Assoun, P-L. (2005). *Introducción a la Metapsicología Freudiana*. Buenos Aires: Paidós.
2. De Saussure, F. (2007). *Curso de Lingüística General*. Buenos Aires: Losada.
3. Freud, S. (1891/1987). *La Afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión.
4. Lacan, J. (2013). *El Seminario Libro 16. De Otro al otro*. Buenos Aires: Paidós.
5. Maleval, J-C. (2001). *La Forclusión del Nombre del Padre*. Buenos Aires: Paidós.
6. Najmanovich, D. (2015). *El Mito de la Objetividad*. Buenos Aires: Editorial Biblos.
7. Siegel, D. (2017). *Viaje al Centro de la Mente*. Paidós: Buenos Aires.
8. Taylor, C. (2006). *Fuentes del Yo*. Buenos Aires: Paidós.

LEANDRO GOMEZ

Graduado em Psicología. Psicanalista. Professor da Universidad de la Cuenca del Plata (UCP).

Mestrando de la Universidad Nacional de Quilmes (UNQ).

E-mail: leandrogmz@hotmail.com.ar